

Biblioteca Nacional de Portugal
- Catalogação na Publicação

PRESENÇA E MEMÓRIA

Presença e memória : homenagem a Paula Morão / coord.
Carina Infante do Carmo. [et al.]. - 1.ª ed. - (Extra-colecção)
ISBN 978-989-566-153-4

1 - CARMO, Carina Infante do, 1971-

CDU 821.134.3719/20".09(042)

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através
da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, L.P.,
no âmbito do projecto UIDB/00509/2020

Esta actividade é financiada por Fundos Nacionais através
da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, L.P.,
no âmbito do projecto UIDB/00019/2020

Título: Presença e Memória - Homenagem a Paula Morão

Coordenação: Carina Infante do Carmo, Joana Matos Frias,

Maria Cristina Pimentel, Ricardo Nobre, Rita Patrício

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Raquel Ferreira sobre documento de trabalho de Paula Morão

Depósito legal n.º 494 415/22

Lisboa, 2 de fevereiro de 2022

ÍNDICE

Apresentação	11
Obras de Paula Morão	13
<i>Tabula Gratulatoria</i>	33
I. Ensaio	
A poesia e a memória de Espanha: a propósito de "Cristal em Sória".	
de Carlos de Oliveira	37
Ângela Fernandes	37
A cidade e os poetas ou como os poetas inventaram Coimbra—como—nós	
António Pedro Piza	47
Triplico — memórias de pessoas comuns	
António Ventura	63
<i>De Doctrina Christiana</i> — ensaio programático de uma nova retórica	
Arnaldo do Espírito Santo	73
Vozes e gestualidades do trabalho nas crónicas urbanas de Irene Lisboa	
Carina Infante do Carmo	87
<i>O Regresso de Julia Mann a Paris</i> , de Teolinda Gersão: a literatura,	
a psicanálise e o mal	101
Carlos Nogueira	101
"aonde vibra a voz": ressonâncias de Ruy Belo na <i>Imagem Rumor</i>	
Cristina Firmino Santos	111
Da liquidez dos géneros: retrato, paisagem, ecorretrato	
Eunice Ribeiro	123
Sobre Sena e Pessoa	
Fátima Freitas Morna	141
Técnica mista # 2. Poesia, fotografia e crítica literária	
Federico Bertolazzi	135

**“AONDE VIBRA A VOZ”
– RESSONÂNCIAS DE RUY BELO
NA INIMIGO RUMOR**

Cristina Firmino Santos*

Para Paula Morão, com amizade

Considerando as ressonâncias e cruzamentos de vozes entre poetas portugueses e brasileiros, ou, por outras palavras, a circulação e recepção poéticas, tal não se faz sem atentar nas diferentes condições e circunstâncias que potenciam ou não esse trânsito precário, afetado pela distância, pela escala dos países e por usos diferentes da língua. Nessa medida, é notório, nas décadas de 50 e 60, o interesse mútuo, pautado por correspondência e troca de livros, entre poetas portugueses e brasileiros. No caso concreto de Ruy Belo, Manaira Aires Athaide, em *Ruy Belo e o Modernismo Brasileiro – Poesia. Espólio* (2016) explora com eficácia a dimensão e o impacto que a literatura brasileira (em especial a poesia) tiveram na obra do poeta português, muito para além do que era conhecido com os seus dois ensaios sobre Manuel Bandeira¹.

O contraste não podia ser maior com o quase silêncio que vai ocorrer nos anos 70, 80 e 90, como o frisa Ida Alves², muito por conta, entre outras coisas, da alteração do regime político e concomitantemente da crise de um ideal de lusofonia e também por um redireccionamento para a Europa devido à adesão à Comunidade Europeia, o qual mobilizou à afirmação cultural portuguesa nesse contexto europeu. Sendo o Brasil um país com dimensão continental, tal propiciou o distanciamento, sem falar de dificuldades linguísticas e editoriais e da relação polémica com o passado colonial a ensombrar por vezes o confronto com a cultura portuguesa. Neste cenário, atravessado de obstáculos e inter-

* Universidade de Évora, Departamento de Linguística e Literaturas, Centro de Estudos em Letras.

¹ Destacaria os dois ensaios sobre Manuel Bandeira “Manuel Bandeira ou como um poeta se faz” e “Manuel Bandeira em verso e prosa” (inseridos posteriormente em *Va Senda da Poesia*, 1969).

² Ida Ferreira Alves, “Diálogos e silêncios na poesia portuguesa: décadas de 60 a 90”, *Revista Letras*, n.º 59, Curitiba, Editora UFPR, 2003.

miências, salvaguarda-se, no entanto, o vigor, a persistência e a qualidade dos estudos de literatura portuguesa no Brasil no circuito acadêmico mais restrito que, no espaço de ação possível, tem sido bem dinâmico e instigante.

É nesta sequência que importará indagar o movimento provocado pela publicação da revista brasileira *Inimigo Rumor* que durante três anos (2001 a 2003) e cinco números (11 a 15) teve edição dupla no Brasil e em Portugal (ai com a coedição de Osvaldo Silvestre), graças à parceria da 7Letras com as editoras portuguesas Livros Cotovia e Angelus Novus. Antes de me deter no número 15 da *Inimigo Rumor*, com um dossier dedicado a Ruy Belo, e em concreto em dois poemas, o de Ruy Belo e o de Marcos Siscar aí incluídos, importará atentar nesta edição, no início do século 21 e num contexto facilitado pela interação por via digital. Com efeito, foi muito importante a criação da revista eletrônica portuguesa *Cyberkiosk* (surgida em 1998 e extinta em 2002), dirigida por Osvaldo Silvestre e Pedro Serra, para desencadear vínculos com poetas e críticos brasileiros (sobretudo cariocas e paulistas) envolvidos na *Inimigo Rumor* e consequentemente as relações proporcionam a cooperação na publicação luso-brasileira. Em conformidade, Luciana di Leone, analisando a edição e escrita da poesia contemporânea na era digital, interpreta esta conjuntura sob a ótica da “afetividade” e da afinidade, reportando-se, com a metáfora da “rede”, à “forma reticular dos intercâmbios entre poetas”³ de países distantes geográfica ou culturalmente, e de núcleos que, associados a pequenas editoras, dirigem coleções de outro modo imagináveis. Sobretudo, nenhum destes lugares de encontro se tornou fortuito devido às publicações nos anos seguintes, decorrentes deste contacto entre críticos e poetas e poetas-críticos. Como recordam Marília Garcia e Valeska de Aguirre, a Editora 7Letras, que começa a publicar em 1997 a *Inimigo Rumor*, tem também um papel importante para os jovens poetas desde o seu início ao publicar, no começo dos anos 90, “poetas novíssimos em um momento em que o mercado editorial para a poesia no Brasil era muito restrito”⁴.

Com efeito, sem preocupação de exaustividade, notarei, a título de exemplo, que é justamente a 7Letras a editar, dez anos mais tarde, a obra completa de Ruy Belo sob a coordenação de Manoel Ricardo de Lima, que convida os prefaciadores⁵ (na sua maioria poetas críticos) dos nove volumes. Também é de salientar nestes o seu perfil aberto seja em termos geográficos seja na amplitude das áreas de estudo (fora do âmbito estrito da literatura portuguesa, em muitos casos). O mais singular e raro na cena cultural brasileira é nessa

³ Luciana di Leone, *Poesia e Escolhas Afetivas: Edição e Escrita de Poesia*, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2014, p. 100.

⁴ Valeska Aguirre e Marília Garcia (org. e apres.), *A Poesia Andando: Treze Poetas no Brasil*, Lisboa, Cotovia (Coleção de Poesia Inimigo Rumor), 2008, p. 11.

⁵ Além do próprio Manoel Ricardo de Lima, Júlia Studart, Carlos Augusto Lima, Annita Costa Malufe, Leonardo Gandolfi, Guilherme Gontijo e Eduardo Jorge, Eduardo Sterzi e Tarso de Melo.

ocasião, no entanto, a edição integral (e não a antologia), no Brasil, de um autor português contemporâneo.

Por sua vez, a Livros Cotovia, pela intervenção de Osvaldo Silvestre e Abel Barros Baptista editará, entre outros, poetas como Francisco Alvim, Nuno Ramos, Carlito de Azevedo, ou a antologia (2008) *A Poesia Andando: Treze Poetas no Brasil* organizada por Mariña Garcia e Valeska de Aguirre. A mesma editora publica também a importante coleção "Breve Curso de Literatura Brasileira", dirigida por Abel Barros Baptista, com um total de dezasseis volumes. Fica perceptível, segundo julgo, a frutuosa interação proporcionada por uma "rede" de relações, aqui só parcialmente delineada, que suscitou dos dois lados do Atlântico iniciativas editoriais com repercussão decisiva para reavivar formas de interlocução luso-brasileira.

Estando em foco a recepção poética, valerá refletir sobre a força propulsora da revista em causa. Assim, Maria Lúcia de Barros Camargo, ao apreciar o papel de revistas como a *Inimigo Rumor* (entre outras) na dinâmica e heterogênea cena poética recente no Brasil, sublinha:

Trata-se (...) de ampliar o valor da poesia não através da afirmação de valores estéticos em si mesmos, mas da ampliação das possibilidades de elocução, pela ampliação das escolhas num repertório diversificado. E claro que o desejo de ampliação pressupõe uma cena restritiva à qual se contrapor⁶.

Na ótica da autora, a revista responde a um cenário intrincado em que urge contrariar a exiguidade e os limites, usar a crise da contemporaneidade como motor de busca face à insatisfação ou impasse com que a poesia contemporânea se vê confrontada, mas resistindo à tentação de oferecer soluções fáceis.

No caso concreto da recepção de Ruy Belo no Brasil, a *Inimigo Rumor* n.º 15, por ser uma importante vitrine para um público bem mais amplo, teve certo impacto⁷. O dossier dedicado a Ruy Belo, por ocasião dos seus 25 anos de morte e 70 de nascimento, mobilizou não só ensaístas, mas também uma série alargada de poetas portugueses e brasileiros convidados a realizar uma releitura criativa de poemas do poeta português (de entre um bestiário de sete poemas seus aí incluídos⁸). Com efeito, esta interação constituiu uma aproxi-

⁶ Maria Lúcia de Barros Camargo, "Dos poetas e em suas revistas", in *Subjetividades em Devir. Estudos de Poesia Moderna e Contemporânea*. Pedrosa, Célia, e Alves, Ida (orgs.), Rio de Janeiro, 7letras, 2008, p. 229.

⁷ Devo a sugestão deste estudo a Célia Pedrosa que me orientou numa pesquisa de pós-doutoramento na Universidade Federal Fluminense em 2015. Posteriormente, Célia Pedrosa publicou também o ensaio "Poesia Andando" (cf. Referências Bibliográficas) em que aborda a apropriação da poesia de Ruy Belo pela poesia de Heltor Ferraz também considerando a reapropriação criativa incluída na *Inimigo Rumor* 15.

⁸ Foram incluídos os seguintes poemas de Ruy Belo: "Requiem por um Cão", "Requiem por um Bicho", "Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração", "Gaiivola I e II", "Nau dos Corvos", "(1) Urugalo" e "Os Galos". Neste conjunto destacam-se as aves que ocorrem também em muitos outros poemas da sua obra.

mação decisiva para alguns dos poetas brasileiros que aceitaram o desafio e passaram a conhecer Ruy Belo, ao mesmo tempo que, para o público português, se apresentavam textos de escritores brasileiros praticamente desconhecidos em Portugal.

Pretendo, de seguida, ao focar-me numa dupla de poemas incluída no já referido número 15 da *Inimigo Rumor* – o do poema “Os Galos” de Ruy Belo (do livro *Transporte no Tempo* de 1973) e o do poema em prosa “Galo” de Marcos Siscar (sem esquecer os espectros de Gullar e de João Cabral que a imagem do “galo” inevitavelmente convoca) –, explorar os interstícios de diálogo poético e o modo como o tempo presente surge como condição e ameaça o poeta.

Com efeito, em ambos os poemas, o galo figura a relação tensa de quem escreve com a sua “voz”, as suas projeções e o mundo. Ora, tendo como pano de fundo um lugar cada vez mais hostil para a poesia no mundo contemporâneo, vale a pena, sem sair do âmbito da ornitologia, a breve comparação com “Albatroz” de Baudelaire, possível antecedente poético dos poemas visados, em que a dramatização da solidão e do desconforto do poeta face à comunidade são manifestas. No caso do poema baudelaireano, a perda da aura do poeta retoma-se na queda do albatroz, ave rara, majestosa e errante que, caída dos céus, passa a estar confinada ao círculo dos marinheiros suscitando, ao invés da anterior admiração dos marinheiros, a sua chacota perante o andar desajustado do albatroz limitado pelas suas asas de tamanho excessivo. Na sequência da expressiva disforia da ave sobre si mesma, a investigadora Ana Chiara, refletindo sobre um outro poema de Baudelaire – “Cisne” – lê-a, considerando uma constelação de outros poemas com aves de poetas contemporâneos, como “sintoma de um mal estar, de uma deformidade no regime de linguagem, condição permanente de exílio existencial e linguístico”⁹ que afeta os poetas assim projetados em múltiplos desdobramentos.

Distintamente do albatroz ou mesmo do cisne, o prosaico galo é um animal do quotidiano, incapaz de voar, algo anacrónico e selvagem na paisagem urbana, tal como precária ou deslocada se configura a poesia contemporânea quando enquadrada numa lógica feroz de mercado ou, convocando Ruy Belo, “num tempo detergente que nos lava que nos leva quanto tínhamos de gente”¹⁰. É, então, nos dois poetas em causa, a perspetiva de quem “pisa o chão”, ou seja, de quem não retira a poesia do seu estar no mundo, mas, em simultâneo, problematiza esse seu lugar excêntrico e a condição tardia do poeta no seu tempo.

A diferença conjuntural entre os dois poetas (trinta anos – 1973-2003 – sepa-

⁹ Ana Cristina de Rezende Chiara, “Do Cisne ao Patos: Um Pacto?” in *II Seminário Internacional dos Grupos de Pesquisa Bioescritas Biopoéticas: Corpo, Memória & Meta morfose*, Uniro, 2016. https://www.academia.edu/34253539/DO_CISNE_AO_PATHOS_UM_PACTO (consulta: 20 julho 2021)

¹⁰ Ruy Belo, *Todos os Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 320.

ção criadora. Está-o sendo continuamente. Sobre ela não pode conceito algum poisar a cabeça¹⁶.

Nesta abertura e exigência de recriação, Maurício Salles de Vasconcelos sublinha que "O poema não se conclui como peça de artesanaria recorrente ao horizonte cerrado do livro, mas se articula como ato indissociável de experimentação da escrita entre signos e linguagens em formação"¹⁷, e o poema "Gatos" reitera esse ímpeto desestabilizador como se torna notório neste excerto do poema:

(...) já os galos que são o símbolo da voz
que abre e logo quebra numa abóbada de ânfora
moem os nós da voz na fimbria da manhã
A esta hora de equilíbrio luminar
os galos são os rígidos e estritos observantes
do ritual restrito da destruição
quando de crista erguida uns aos outros passam
a vida única vítima afinal a imolar (...)

A ênfase na voz reitera a fala como acontecimento, com duração, intensidade e consequências. Não será, então, de estranhar a dimensão performática de muitos poemas (sobretudo a partir do livro *Transporte no Tempo*). Nesse sentido, o jogo sucessivo de rimas internas, de assonâncias e de alterações, constitui um cerrado eco de sons a impor a materialidade verbal ostensivamente (que Siscar recupera no seu poema em prosa, como adiante se verá). No entanto, o fulgor delicado da voz, longe de constituir um momento apaziguador, inscreve em simultâneo a perda: "voz/ que abre e logo quebra numa abóbada de ânfora". De tal modo que a escrita se constitui também aqui como lugar da experiência vital mais intensa e artiscada.

O poema "Os galos" ganha em ser aproximado de um outro, "Cantam na catedral", onde também como aqui a voz (dos cantores) ativa a consciência do sujeito como figura em movimento e em desconforto: "Cantam na catedral ao fim do dia/ Sou uma posição ameaçada/ E nada nos meus gestos concilia/ o fim do dia com a madrugada"¹⁸. A "posição ameaçada" percuitada de tantos modos e intensidades na sua poesia advém de "estar habitado pelo fora, ou escrever como processo de experiência de desabrigo subjetivo"¹⁹. Esta abertura e exposição ao fora, não só remete para a porosidade da poesia a outras vozes,

¹⁶ *Na Senda da Poesia*, Lisboa, União Gráfica, 1969, p. 98.

¹⁷ Maurício Salles Vasconcelos, *Espiral Terra – Poéticas Contemporâneas de Língua Portuguesa*, São Paulo, Annablume, 2013, p. 11.

¹⁸ Ruy Belo, *Todos os Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 235.

¹⁹ Ana Kiffer, "A escrita e o fora de si" in *Expansões Contemporâneas. Literatura e outras Formas*, Ana Kiffer e Florência Garramuño (org.), Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014, p. 53.

a que já fiz referência, como se traduz num eu em tensão com a mudança, a mutabilidade que encontra na transição entre o fim do dia e o nascer do novo dia, um momento torturante, e no confronto com as "aves feitas de tempo"²⁰ o emblema exponeciado de uma fugacidade voraz.

Ao assumir "a luta corpo a corpo contra cada coisa"²¹, o sujeito constitui-se no deslocamento para fora de si que não conforma uma fuga alienante, mas uma mútua reconfiguração – o que motiva o conflito acaba por ser também presa reiterada do desdobramento subjetivo se pensarmos nos lugares familiares desta poesia. Assim, face à voz ou como espectador dela, o sujeito vulnerável que ouve o canto matutino aprende ("e sei agora") a contingência e precariedade do canto, do mundo e de si mesmo, como sublinhado pelo doloroso lamento com que o poema remata – "Ó galos ó manhã ó vida ó nada" – em que a contaminação metafórica ganha a cada passo maior amplitude.

Neste jogo de potenciais afinidades, merece atenção a releitura criativa que Marcos Siscar faz dos poemas "Os galos" e "Urogalo" de Ruy Belo. Vejamos o início do poema em prosa²²:

Galo

Como não dizer? Selvagem, quase mudo, e já uma compulsão/ órfica o denuncia. Como dar forma àquilo que rabisca? Conver-/tido em bicho, cisca, com os olhos fundos no chão, nervoso,/ interessado pelo resto, fosco, pelo precioso corisco. O que se/ promete na voz projetada por sulcos de ronco? A matéria sonha-/ da mais tarde se devolve em ondas de vômito. Triste não se diria,/ nem compulsivo. A atenção dividida, um olho, depois o outro,/ alternadamente de divisa. Os olhos arredondam-se em círculos/ concêntricos. O pescoço progride, por solavancos, teatro/ involuntário da serpente. Não é bicho de mató, nem bicho de/ monte. E cria de terreno que de repente irrompe, estranho, den-/tro de casa, e espia. Caminha como cria de si mesmo. (...)

O poema de Siscar acentua uma visão deflacionada do poeta (e da poesia) pela interposta figura do galo, numa perspetiva pós-utópica, como o discurso é ele próprio contagiado pela incerteza e indagação que caracteriza o "galo", como se este encenasse os impasses do que é dito. Com efeito, tal como o pescoço do galináceo também o poema em prosa "progride, por solavancos", já que avança com frases sincopadas (curtas, de fim abrupto) e é ciclicamente marcado por perguntas (num total de seis, sendo que a primeira reaparece no final) com réplica em formas dubitativas, de dupla negação, sucessivas alternativas ou até enumerações. O "saber-se em círculo", preso no circuito de palavras e sons, é, então, uma experiência inescapável para o leitor do poema pela

²⁰ Poema "Nau dos Corvos" de Ruy Belo, também inserido em AAVV, *Inimigo Ramor*, n.º 15, Lisboa/ Rio de Janeiro, Cotovia/ 7 Letras, 2003, p. 92.

²¹ Belo, Ruy, *Todos os Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 543.

²² AAVV, *Inimigo Ramor*, n.º 15, Lisboa/ Rio de Janeiro, Cotovia/ 7 Letras, 2003, p. 25.

recorrência de sons (em rima interna, assonância, aliteração) e de palavras que se repetem ("resto", "apenas", "risco"), recombinam ("O bicho do outro é o grito. O grito do bicho é outro. O bicho é o grito do outro") ou criam derivações (cf. "apenas, penas" ou "vário, ele desviaria"), exigindo insistência, retorno, e o esforço de perceber a gaguet da língua, recuperando a expressão de Annita Malufe.

Com as consecutivas perguntas, Marcos Siscar parece mimar as interrogações do intérprete trivial ou os impasses da própria escrita, preocupado com a "forma" por trás do "rabisco", com "o que promete" a literatura ou a diluição da estranheza ou imprevisibilidade que a escrita enquanto bicho (na formulação de Derrida) pode guardar. Responder taxativamente a estas perguntas implicaria encaixar numa leitura programada de que a poética de Siscar consistentemente se esforça por escapar e por negar. Como afirma em *Poesia e Crise*:

É por instalar o veneno da suspenção (para usar figuras de Sebastião Uchoa Leite), é por instigar o 'mal-entendido', e não por definir caminhos, que a poesia faz alguma diferença. Não é por antever ou por apontar aquilo que falta, mas por transformar-se no terreno ou no interreino dessa falta.²¹

Por tudo isto, o galo configura-se de forma dialética e tensa: "selvagem" e com "compulsão órfica", "entre a "forma" e o "rabisco", ou entre "resto" e o "precioso corisco", já a sua voz "promete" mas é "um ronco", dividido entre a "matéria sonhada" e os "vômitos". Se tal balancçamento relativiza e desconstrói cada um dos polos, instabilizando qualquer suporte referencial, também o jogo de forças interno leva a encenar a interioridade na figura oscilante do galo que, se revela a inconstância crítica, também se torna motivo de convivência. O desdobramento subjetivo atinge aqui um modo auto-irônico já que, por via da homofonia (tão típica deste poeta), o apelido – Siscar – se sobrepõe ao verbo que caracteriza a ação do galo – "ciscar", i.e., apanhar restos e que também faz sentido para esta poética, atraída por minúcias: "Do sossego ou da procura, apenas o resto fica".

Enquanto, no poema de Ruy Belo, os galos, "tenores sapientes" são motivo de admiração e nostalgia pelo sujeito que deles se aproxima e distancia, ou no poema "Jirgalo" há mesmo um heroísmo sacrificial em que a vida se consuma na medida em que se consome, tal não é de todo o caso no poema de Marcos Siscar. No solitário e vacilante galo de Siscar parece perfilar-se o espectro de um outro galo, o do poema "Galo, galo" de Ferreira Gullar (do livro *Luta Corporal*, 1954) que se cruza com este, tendo em comum o caricato, a ambivalência e o fechamento no círculo. Tal como no poema metapoético de Ferreira Gullar, é a dificuldade de chegar ao outro que é exponenciada, note-se a parte final do poema:

²¹ Marcos Siscar, *Poesia e Crise*, Campinas, Ed. Unicamp, 2010, p. 116.

Inútil, malhado, carijó, perseguiu / do o risco de um outro. Não se teve sozinho uma manhã. Mas difícil é o dia em que estaremos juntos. Como converter-se no / bicho do outro? O bicho do outro é o grito. O grito do bicho é outro. O bicho é o grito do outro. O cantar já distante, mal chega, se desfia. É madrugada e a cidade coze o seu tecido translúcido. Sorzinto é vazio, ele desvaria. Liberdade é isso? Pela terceira vez se cala. Como não dizer? Isso, ele engole o dia. E finalmente se / converte em crista, apenas, uma flor de ornamento.

Esta passagem oferece a convocação e diferenciação de Siscar face ao poema de Cabral de Melo Neto "Tecendo a manhã" (*Educação pela Pedra*, 1965), no qual se mostra a urdidura do poema com a manhã a ser tecida em graduação pelos "fios de sol" dos "gritos dos galos", e, muito importante, com a múltipla e consentada conjugação coletiva – "entre todos os galos" projetando a construção de uma poesia visando o leitor. Ao contrário, Siscar suspeita desta certeza cabralina da interação com o outro;²⁴ mas, muito importante, não deixa de pensar a literatura "perseguido o risco do outro", nessa provocação e apelo, sem garantia prévia, como afirma o próprio Marcos Siscar num ensaio sobre Ana C. Cesar, auto-revelador da sua poética:

Desse modo, falar é sempre arriscar-se na contramão, no sentido de colocar-se diretamente na direção ou na destinação de um outro. E o risco do poema é o risco do imprevisível desse choque, da decepção, em que o fechamento do desastre, seu violento acontecimento, tem, no entanto, a chance de aproximar-se de uma possível alegria, da abertura de uma brecha.²⁵

Podendo repensar em conjunto o procedimento de endereçamento da poesia de Ruy Belo e de Marcos Siscar, já sublinhado respectivamente por Manuel Gusmão e Celia Pedrosa²⁶, com a convocação de destinatários que são, de forma ambivalente, presentes e ausentes, aproximados e distantes, podemos ler nesse repetido apelo uma vontade de interlocução que, longe da ingenuidade ou da ilusão comunicacional, expõe o desejo de que a voz vibre e, em simultâ-

²⁴ Masé Lemos sublinha e desenvolve o contraste entre o projeto social e político envolvido na poética cabralina e, na poesia de Marcos Siscar, a necessidade de, sem abdicar do rigor, incluir a intermitente tensão entre "fluxo e contenção" ("Masé Lemos, "Marcos Siscar e a vingança da poesia", in *Marcos Siscar*, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011, pp. 45-47).

²⁵ Marcos Siscar, "Ana C. aos Pes da Letra", *Experiencia Cuervo y Subjetividades Nuevas Reflexiones*, Mario Camara, Lucia Terminalia e Luciana di Leone (org.) Buenos Aires, Santiago Arcos Editor, 2011, p. 9.

²⁶ Celia Pedrosa, no ensaio "Poesia, crítica, endereçamento", explora este procedimento na poesia de Marcos Siscar, e Manuel Gusmão reporta-se à poesia de Ruy Belo salientando que, ao escapar da "oposição entre fingimento e testemunho [o] espaço assim aberto, ela é dedicação e dedicatória inúmera, solidão, encontro e despedida" (Gusmão, Manuel, "Aprender a poesia com Ruy Belo" in *AAVV, Inimigo Puro*, n.º 18, Lisboa: Rio de Janeiro, Cotovia/7 Letras, 2003, p. 55).

neo, a consciência da escrita também como diferimento, posteridade e intempesividade.

Em suma, a apropriação poética de Siscar em relação ao poema de Ruy Beilo, quando pensada no âmbito de uma crise constitutiva da poesia a partir da modernidade, oferece nuances relevantes a ter em conta. No poema do poeta português é preponderante a dimensão temporal e, através do desdobramento (e de si, dada a autorreflexividade patente) se faz espetador e se deixa afetar por nela (voz) inferir a premonição da morte e a sua condição de homem tardio que de modo elegíaco manifesta a impotência sobre a vida e sobre a poesia. Já a apropriação e auto-revisão poética de Siscar passa pela desdramatização da relação com o presente. Nesse sentido, o distanciamento subjetivo faz-se notar por um narrador que se reporta ao galo na terceira pessoa e sobre ele tece conjecturas e interrogações. O poema constrói uma cena de movimentos, cores, som que dá a ver uma sequência de sobressaltos, hesitações e contradições que convivem com o dizer poético. O oscilante galo recusa o papel ativo ou outros modelos prévios: se o galo bíblico canta três vezes para anunciar a traição de Pedro, este “Pela terceira vez se cala”; enquanto os galos de Cabral de Melo Neto tecem a manhã, “ele engole o dia”. É justamente pelo silêncio e pela redução (à “crista” e à mera “flor de ornamento”) que o poema se interrompe.

Finalmente, esta deriva crítica e de crise ganha em ser complementada com a reflexão de Marcos Siscar enquanto arguto ensaísta sobre a dita crise da poesia contemporânea que, longe de ser equacionada como fruto de circunstâncias empíricas eventuais, é tomada como constitutiva e potencial da poesia desde a modernidade:

A vitimização do poeta como tom dominante tem servido, ao longo do tempo, não exatamente para asseniar o fato sociológico de sua condição marginal, mas frequentemente, e indiretamente, como modo de instituir um lugar distinto para a poesia: um lugar crítico, de paradoxal resistência. Não é difícil perceber que existe uma convivência difícil e problemática entre aquilo que se aponta como decadência cultural da poesia e sua potência mais brilhante e decisiva. Essa potência não se realiza plenamente pelo simples movimento de oposição à tecnologia social dos números, mas pela ambivalência do discurso da crise, ou seja, por um certo modo de explicitar o paradoxo, de refundar um outro tipo de uso da palavra, de experimentar a dupla condição (de artífice e vítima) do tempo presente.²⁷

Nesta formulação, a crise é conceptualizada não só enquanto tópico e condição na poesia e da poesia, como também injunção do Outro, e ainda enquanto dispositivo de diferenciação e de réplica da poesia contemporânea face ao presente. Ao mesmo tempo, a potencialidade de incorporar os impasses, os restos, na poesia persiste como forma de assumir uma postura crítica face aos mecanismos de poder e de certezas absolutas.

²⁷ Siscar, Marcos, *Poesia e Crise*, Campinas, Ed Unicamp, 2010, pp. 32-33.

Referências Bibliográficas

- AAVV. *Inimigo Rumor*, n.º 15. Lisboa/ Rio de Janeiro, Cotovia/ 7 Letras, 2003.
- Aguirre, Valeska e Garcia, Marília (org. e apres.). *A Poesia Andando: Treze Poetas no Brasil*. Lisboa, Cotovia (Coleção de Poesia Inimigo Rumor), 2008.
- Alves, Ida Ferreira. "Diálogos e Silêncios na Poesia Portuguesa: décadas de 60 a 90". *Revista Letras*, n.º 59, Curitiba, Editora UFPR, 2003.
- Athaide, Manaira Aires. *Ruy Belo e o Modernismo Brasileiro - Poesia, Espólio*. Coimbra, Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento), 2016.
- Belo, Ruy. *Todos os Poemas*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- Chiara, Ana Cristina de Rezende. "Do Cisne ao Páthos: Um Pacto?" in *II Seminário Internacional dos Grupos de Pesquisa Bioescritas Biopoéticas: Corpo, Memória & Metamorfose*. União, 2016. <https://www.academia.edu/34253539/DO_CISNE_AO_PATHOS_UM_PACTO> (consulta: 20 julho 2021).
- Camargo, Maria Lúcia de Barros. "Dos poetas e/ em suas revistas", in *Subjetividades em Devir: Estudos de Poesia Moderna e Contemporânea*. Pedrosa, Célia, e Alves, Ida (orgs.), Rio de Janeiro, 7letras, 2008.
- Gusmão, Manuel. "Aprender a Poesia com Ruy Belo" in *AAVV, Inimigo Rumor*, n.º 15. Lisboa/ Rio de Janeiro, Cotovia/ 7 Letras, 2003.
- Lemos, Masé. "Marcos Siscar e a vingança da poesia". in *Marcos Siscar*, org. Masé Lemos, Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.
- Leone, Luciana di. *Poesia e Escolhas Afetivas: Edição e Escrita de Poesia*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2014.
- Malufe, Aníta Costa. *Poéticas da Immanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar*. Rio de Janeiro, 7letras/Fapesp, 2011.
- Kiffer, Ana. "A Escrita e o Fora de Si" in *Expansões Contemporâneas: Literatura e Outras Formas*. Kiffer, Ana, e Garramuño, Florencia (org.). Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.
- Pedrosa, Célia. "Poesia contemporânea: crise, mediania, transitividade (uma poética do comum)", in *Subjetividades em Devir: Estudos de Poesia Moderna e Contemporânea*. Pedrosa, Célia, Alves, Ida (orgs.). Rio de Janeiro, 7letras, 2008.
- Pedrosa, Célia. "Poesia e crítica de poesia hoje: heterogeneidade, crise, expansão" in *Poesia e Crítica de Poesia no Brasil e em Portugal: Problemas e Tensões*. Pedrosa, Célia, e Alves, Ida, e Júdice, Nuno (orgs). Rio de Janeiro, 7letras, 2014.
- Pedrosa, Célia. "Poesia, crítica, endereçamento", in *Expansões Contemporâneas: Literatura e Outras Formas*. Kiffer, Ana, e Garramuño, Florencia (org.). Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.
- Pedrosa, Célia. "A Poesia Andando", *Tercceira Margem*, v.21, n.º 35. UFRJ, 2017.
- Silvestre, Osvaldo. "Introdução". *Obra Poética de Ruy Belo - Boca Bilingue*. Lisboa, Editorial Presença, 1997.
- Siscar, Marcos. *Poesia e Crise*. Campinas, Ed. Unicamp, 2010.
- Siscar, Marcos. "Ana C. aos Pés da Letra". *Experiencia: Cuerpo y Subjetividades Nuevas Reflexiones*. Mario Camara, Lucia Tennina e Luciana di Leone (org.). Buenos Aires, Santiago Arcos Editor, 2011.
- Vasconcelos, Maurício Salles. *Spiral Terra - Poéticas Contemporâneas de Língua Portuguesa*. São Paulo, Annablume, 2013.